

A CONSTRUÇÃO DO TERRITÓRIO FRONTEIRIÇO A PARTIR DOS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS INTERNACIONAIS

The Construction of the Border Territory from International Migration Movements Summary

DOI 10.55028/geop.v19i36

Jackeline Cristina Nogueira Guerrero*
Marcos Leandro Mondardo**

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar os movimentos migratórios internacionais em fronteira e as múltiplas modalidades de transterritorialidades existentes no território fronteiriço Brasil-Bolívia. A problemática que o texto aborda caracteriza-se pela existência de movimento pendulares internacionais, ou seja, o trânsito cotidiano de imigrantes pela fronteira motivado especialmente pela busca de trabalho e acesso a políticas públicas específicas. O método utilizado é a história oral, onde foram coletados depoimentos de imigrantes que emigraram em épocas diferentes e passaram a conviver em Corumbá. Conclui-se que a trajetória migratória para é motivada especialmente pela busca de trabalho no sentido de se ter estabilidade e segurança em outro território.

Palavras-chave: fronteira, imigrantes, movimentos pendulares internacionais, transterritorialidades, recursos sociais.

Abstract: The objective of this work is to analyze international migratory movements across the

Introdução

O objetivo deste trabalho analisa os movimentos migratórios internacionais em fronteira e as múltiplas modalidades de transterritorialidades existentes no território fronteiriço Brasil-Bolívia, a partir dos municípios que se constituem as cidades gêmeas¹ de Corumbá, MS, Brasil e Puerto Suarez, Bolívia. O texto busca refletir, através de depoimentos e entrevistas com os migrantes internacionais, que as formas de como foram construídos esses movimentos se baseia na busca de recursos sociais, especificamente o trabalho, assim, a fronteira pode ser usada como recurso a partir das necessidades dos atores sociais.

* Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados, Mestre em em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e graduada em Geografia pela UFMS. E-mail: jackeline.guerrero@ufms.br.

** Doutor e Pós-doutor em Geografia pela Universidade Federal Fluminense. Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados e ggraduado em Geografia (Bacharelado e Licenciatura) pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Professor Associado do Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: marcosmondardo@ufgd.edu.br.

¹ As cidades-gêmeas são aglomerações urbanas que possuem mais de 2 mil habitantes e ficam uma ao lado da outra, mas em países diferentes, isto é, municípios de fronteira que se caracterizam pela integração urbana, econômica, social e cultural com outro município de um país vizinho (Colleto, 2021).

border and the multiple types of transterritorialities existing in the Brazil-Bolivia border territory. The problem that the text addresses is characterized by the existence of international commuting, that is, the daily transit of immigrants across the border motivated mainly by the search for work and access to specific public policies. The method used is oral history, where testimonies were collected from immigrants who emigrated at different times and started to live in Corumbá. It is concluded that the migratory trajectory is motivated especially by the search for work in order to have stability and security in another territory.

Keywords: border, immigrants, international commuting movements, trans territorialities, social resources.

Em se tratando de junção temática e conceitual de migrantes internacionais e fronteira, a tarefa de realizar um recorte temporal entre 1950 a 2023 se dá pela análise sobre o tempo e o espaço, pois houve grande número de migrantes bolivianos, especialmente os *kambas-chiquitanos*² que migraram durante o surgimento da construção da estrada de ferro (1939-1954), que liga Santa Cruz de la Sierra, Bolívia a Corumbá, MS, Brasil.

A problemática que o texto aborda caracteriza-se pela a existência de movimentos pendulares internacionais, ou seja, o trânsito cotidiano de imigrantes pela fronteira motivado especialmente pela busca de trabalho e acesso a políticas públicas específicas como a educação, saúde e cobertura previdenciária e assistência social. As formas de como foram construídos esses movimentos serão analisadas neste estudo. Observamos que os movimentos migratórios de imigrantes pendulares internacionais é uma realidade e suas repetições em diversas partes do mundo indicam algo sistêmico nas realidades fronteiriças, assim, o estudo justifica-se por compreender essas relações estabelecidas no território fronteiriço através de migrantes brasileiros e bolivianos.

² Qualificados como índios sem-terra, *chiquitanos*, índios mestiços, bolivianos os *Kambas* que são nascidos em terras-baixas da Bolívia, como o departamento de Santa Cruz, eles migraram para Corumbá no século XX com a construção da ferrovia que liga Santa Cruz de la Sierra-Corumbá, grande parte de *kambas-chiquitanos* migrou para o Brasil, assim, com a construção da estrada de ferro (1939-1954) imigrantes bolivianos do altiplano ou terras baixas reconstruíram as suas trajetórias de vidas para viver na fronteira (Silva, 2021).

O método utilizado é a história oral, tendo por base as entrevistas realizadas em campo. O estudo parte de entrevistas semiestruturadas realizadas com três imigrantes bolivianos que vivenciaram a experiência da emigração e migração. O primeiro, um senhor na situação de exilado, que a sua trajetória foi relatada pelo seu filho que migrou para o Brasil na década de 60. O segundo perfil de migrante é um feirante na situação de imigrante pendular que emigrou na década de 90 motivado pelo trabalho e sobrevivência. O terceiro perfil de imigrante é uma senhora vendedora de alho que transita diariamente o território fronteiriço. E, o quarto perfil, é a mais recente forma de migração que é motivada pelo estudo, sendo uma brasileira estudante que vive no Brasil e estuda na Bolívia desde 2018.

O estudo foi realizado no município de Corumbá, MS, Brasil, que está localizada no limite internacional com a Bolívia. Essa cidade dista apenas 4 km da cidade boliviana de Puerto Quijarro, e 20 km de Puerto Suarez, também na Bolívia, permitindo o deslocamento de pessoas através da linha que delimita os territórios dos dois países. As entrevistas aconteceram na cidade de Corumbá no período de agosto a dezembro de 2023. Utilizamos o gravador e câmera para registrar as atividades exercidas pelos migrantes; os depoimentos foram gravados e transcritos no texto. Realizamos o campo durante a atividade profissional dos migrantes internacionais, assim, nos descolamos até as feiras livres e nos estabelecimentos comerciais concentrados na região sul do município de Corumbá.

Assim, coletamos os depoimentos de imigrantes que emigraram em épocas diferentes e passaram a conviver em Corumbá. A fim de refletir sobre as suas trajetórias e o trabalho exercido na fronteira, destacamos a categoria de imigrantes pendulares internacionais. Os nomes dos entrevistados são fictícios para manter suas identidades preservadas.

Este texto está organizado em duas seções. Na primeira trabalharemos brevemente os conceitos de fronteira, migração e transterritorialidade, que vem ao encontro com as experiências migratórias na fronteira desses atores sociais. Na segunda seção, analisaremos os casos sintetizados em quatro tópicos que contextualizam as migrações desses quatro sujeitos e exploram suas especificidades.

Fronteira e migração: alguns conceitos

A primeira discussão se constitui em ser uma migração ou um simples movimento a situação de imigrantes pendulares em território fronteiriço. O movimento pendular em fronteira se trata de um fenômeno em que a questão do movimento é inerente à da mobilidade (Oliveira; Loio, 2019).

A existência de movimentos pendulares internacionais é uma das manifestações mais importantes nas dinâmicas fronteiriças, e das que possui condições mais precarizadas também. Conforme Oliveira (2019, p. 56) “O cotidiano dessas pessoas é tal que tudo em suas vidas, incluindo a ausência e a presença está diretamente ligado a essa circularidade e suas decorrências”. A qualificação espacial da fronteira Brasil-Bolívia através da geografia das cidades gêmeas de Corumbá, Brasil e Puerto Quijarro, Bolívia, deve ser observada como ponto chave na elaboração de um raciocínio a respeito de suas presenças. Neste aspecto, as mobilidades são uma marca e uma característica dessa fronteira.

Lembramos Sayad (1998), quando analisava o ato de emigrar da Argélia para imigrar na França, da mesma forma, os pioneiros bolivianos que na década de 50, motivado pela sobrevivência com a questão estrutural de crise continuada em seu país, fez com que a migração fosse a alternativa e busca de trabalho. A trajetória do migrante passa por complexas tramas e conflitos. Sayad (1998) nos ensina que o imigrante é antes de tudo um emigrante. Ou seja, a sua trajetória migratória constitui em sofrimento, pois a travessia é difícil no sentido de deixar para trás a sua terra natal e permanecer no estranhamento que a fronteira provoca a partir das alteridades. No entanto, considerando Foucher (1991) o imigrante sabe imaginar o que se espera a partir do limite, seja qual for a modalidade migratória.

Em se tratando de imigrantes pendulares internacionais, Mondardo (2019) explica que a situação de imigrantes pendulares é uma transterritorialidade, pois, esse vai e vem em seu cotidiano, atravessa o limite internacional e retorna quando termina o trabalho ou o estudo pode ser interpretada como as transterritorialidades múltiplas. “A condição de fronteira é entre aqui e lá; entre o antes e o depois; entre o passado-presente; entre o território deixado e chegado”. O migrante, dessa forma, “está inserido “entre dois lugares”, que o fazem comportar a transterritorialidade entre aqui e lá (Mondardo, 2009, p. 111).

Assim, compreender as vivências e trajetórias dos migrantes pendulares é importante para distinguirmos o que é a migração e/ou um movimento de sujeitos em busca de um recurso social entre dois países.

Conforme explica Mondardo (2018), nos deslocamentos espaciais ocorrem mais do que mudanças físicas, pois “são descentramentos de sujeitos, de culturas e de modos de vida; são mudanças que transformam o sujeito em um ser translocado, num ser transterritorial (e de múltiplos pertencimentos), sentimentos e de territórios que são construídos e/ou transpassados no cotidiano de espaço fronteiriços (Mondardo, 2018, p. 30).

A fronteira, objeto geográfico, pode ser interpretada como um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente (Santos, 1996). Isso quer dizer que cada lugar fronteiriço, em sua história, características e processos peculiares, combina objetos e ações, que se entrelaçam com processos originados tanto em escalas mais íntimas (do lugar e do pertencimento) quanto em escalas mais amplas, como as transnacionais e transterritoriais.

Por conta disso, cada fronteira apresenta uma condição fronteiriça em que se constroem as distinções entre “nós” e os “outros”. É nesse sentido que podemos interpretar a resistência ao “outro” imigrante, especificamente a presença dos bolivianos na cidade de Corumbá e a mobilidade espacial de grupos de outras nacionalidades, como representativas das relações socioespaciais.

A fronteira analisada neste estudo encontra-se em territórios de dois países de soberanias muito distintas, mas não se limita a eles. Machado (1998) explica que o limite pertence ao Estado enquanto a fronteira aos povos que a compõem, assim, o território pode ser entendido, conforme Haesbaert (2009) associado ao controle de acessibilidade, ou seja, um espaço pode ser controlado pelo poder exercido pelo estado, assim, o território necessita sempre de alguma fronteira, ou melhor, limite. A dinâmica da fronteira se faz pelo movimento, e a partir do movimento é que gera uma intenção do ator de usar o território como recurso.

A cada movimento migratório no espaço fronteiriço, e no vai-e-vem de imigrantes pendulares, há a possibilidade de novas qualificações espaciais e significados diversos que, conforme aborda Santos (2001), constroem novas formas para atender a novas funções, a partir da alteração funcional das formas já existentes. A busca pelo trabalho ainda é a base dessa transterritorialidade.

Portanto, na próxima seção veremos a discussão do território como recurso, especialmente a questão trabalho, e mais recente o estudo e a estabilidade e segurança.

A fronteira como recurso social

A base da imigração continua sendo o trabalho, conforme explica Sayad (1998), pois é a economia a grande consumidora da imigração para a mão-de-obra imigrante e a informalidade vem sendo a principal atividade dos imigrantes pendulares em território fronteiriço.

No entanto, houve algumas mudanças no objetivo de emigrar, como reunir com a sua família e de ter estabilidade e segurança, sendo o caso da acolhida

humanitária de haitianos; e, com a presença de redes transfronteiriças familiares, conflitos, sentimento de pertencimento e identidade, que estão presentes no trânsito cotidiano entre territórios, ou, em outras palavras, em modalidades de transterritorialidades. A rede se faz e se refaz pelo trabalho, como é o caso de parentes de bolivianos que migram muitos anos depois de seus familiares para trabalhar juntamente com eles nos negócios e no comércio.

O outro principal recurso social que os imigrantes buscam é a educação, sendo brasileiros e filhos de brasileiros que cruzam a fronteira cotidianamente para estudar em Puerto Quijarro, no curso de medicina, e retornam ao Brasil quando terminam o estudo.

Os relatos das diferentes experiências de migrações na fronteira nos permitem ter uma visão da complexidade do território e suas qualificações, sendo o processo difícil a tarefa de se territorializar ou reterritorializar, de pertencer ou de distanciar, de ser duas ou mais maneiras de ser, ou de se ter identidades de gaveta.

As mobilidades serão analisadas em território fronteiriço são motivadas pela busca de recursos sociais, como, por exemplo, o trabalho informal de feirantes bolivianos que exercem o comércio nas feiras livres e os lojistas que se territorializaram na região sul do município de Corumbá, conhecido como parte alta da cidade. Assim, o uso do território se faz pelo comércio de muitos imigrantes pendulares internacionais.

Uma nova forma de imigrantes pendulares são os estudantes, a mobilidade tem se intensificado na fronteira motivada pelo estudo, especialmente brasileiros que estudam na Bolívia. A terceira maneira do sujeito usar o território, pode ser interpretada como a noção de estabilidade segurança, essa que veremos no primeiro relato de um imigrante exilado.

Trajétoria migratória de Guerrero (1960): “*no hay mal que dure cien años y no hay cuerpo que pueda resistirlo*” (abuelita)

Guerrero é boliviano, 76 anos, nascido no Alto Peru, hoje Bolívia. Inicialmente ele relata sobre a vida de seu pai na Bolívia, e, após, o trajeto da imigração para o Brasil na década de 60. Ele lembra de sua terra natal como uma geografia maravilhosa. Bolívia está situada no coração da América do Sul, de belezas inigualáveis e riquezas incomensuráveis, ela se estende desde a cordilheira andina às planícies *chaquenhas* e até a selva amazônica.

Heterogênea na sua paisagem e nas raças humanas que a povoam foi ela o “berço da liberdade” da América espanhola, nela surge o primeiro grito da

independência em 1809 na Universidade de Chuquisaca na cidade de Sucre e seus emissários o espalharam para outros vice-reinados da Colônia Espanhola. Guerrero lembra, como paradoxo de tamanha ousadia, Bolívia foi o último país a conquistar sua independência em 1825, nele se travando as derradeiras batalhas, inclusive com a participação das mulheres cochambambinas que lutaram na batalha da Coronilla em Cochabamba no dia³ 27 de maio derrotando os espanhóis.

Meu pai Simon Guerrero (1917-1968) nascido em La Paz e educado até os 15 anos em Antofagasta no Chile, pressionou sua mãe a retornar à Bolívia para servir a pátria que tinha iniciado conflito bélico com o Paraguai; chegando a La Paz ingressou na Academia Militar e poucos meses depois estava na frente do combate na guerra, tendo sido ferido e transferido para um hospital militar. Terminada a guerra em 1936 prosseguiu sua vida como militar que era a sua verdadeira vocação. Casado com Aida Urdinina (1938-X), ele serviu na cidade de Potosi e depois transferido para o departamento de Beni na Amazonia boliviana onde nasceu o primogênito Jaimito que faleceu nos primeiros meses de vida. A primeira filha foi Lia Amparo, (1941-2020), depois eles tiveram mais uma filha, Ana Maria (1944) e Jaime Simon (1943).

Em 1952 o seu pai foi afastado do exército com a queda da junta militar que governava o país e ascensão do partido Movimento Nacionalista Revolucionário, governo de esquerda, assim, ele foi preso, deportado para Santa Rosa de Abuná e Madre de Dios até alcançar a cidade portuária de Guajará-Mirim no Território de Guaporé no Brasil.

Após o falecimento de sua esposa, fixou residência em Corumbá com as suas filhas e após, o retorno de seu filho terminado o colegial e vindo trabalhar como engenheiro. O seu pai, na situação de exilado, foi um dos primeiros engenheiros que trabalhou na construção da Mina do Urucum (1976) em Corumbá.

No exílio permaneceu até seu falecimento trágico em Itatiaia no estado de Rio de Janeiro em um acidente de carro retornando do seu trabalho de engenheiro na construção da usina hidrelétrica da Usina do Funil e de Furnas. Deixou belos exemplos de valentia e coragem, de trabalho e de um espírito altamente elevado de responsabilidade, sua fácil comunicação e sociabilidade, simpatia suscitava sentimento de amizade o que colocava sempre ao centro de muitos amigos.

O contexto migratório de Guerrero que é narrado pelo seu filho, é caracterizado por ser uma migração forçada mediante as disputas políticas. As intensas revoluções que foram travadas no território boliviano e as instabilidades políticas

³ *Las Heroínas de la Coronilla fueron un grupo de mujeres que lucharon durante la guerra de independencia de la Real Audiencia de Charcas -hoy Bolivia, el 27 de mayo de 1812, en la ciudad de Cochabamba. Esta fecha fue elegida para celebrarse como el Día de la Madre.* (grifo nosso)

fizeram a imigração surgir como alternativa ou ser forçada, como é a história de um combatente exilado.

O entrevistado em todo momento fala em português, pois, a situação de sofrimento de sua família na Bolívia, fez com que ele perdesse as suas raízes e deixou de falar o espanhol, desde a sua migração ao Brasil. No entanto, quando ele faz menção à sua avó, ele utiliza o nome “*abuelita*” em todas as passagens da entrevista, como se fosse sinônimo de afeto e relação de amor e respeito.

O processo de emigração e as trajetórias de um exilado que logrou êxito em sua vida, por mais dolorosa e terrível que seja a situação de exílio, como explica Said (2001), ainda é considerado traumático e de sofrimento irreparável:

O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heroicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre (Said, 2001, p. 39).

As imigrações através das fronteiras deixam marcas profundas, pois abandonar um país é uma viagem longa e difícil, a trajetória de imigração é terrível de experienciar.

O processo de emigração é doloroso, o imigrante atravessa barreiras, seja a dos muros ou da língua (idioma). A situação de exilado, ainda pior, é a perda da pátria, especialmente para um militar combatente de guerra de alta patente, conforme relatado pelo migrante:

Meu pai estava lotado no Comando da região militar de Cochabamba e desempenha função importante. Outras duas revoluções aconteceram nessa época e das quais surgiram em algumas localidades. Não demorou e meu papai foi preso no quartel dos carabineiros na praça central de Cochabamba. Começa aqui outra etapa de vida do meu pai totalmente diferente de toda aquela que terminara nessa data, não mais como patente de militar, numa terra desconhecida de língua diferente sem oportunidades de emprego. E dali uma das maiores lições que meu pai nos deu em vida para seus filhos e descendentes, que um pai pode dar. Esquecendo sua antiga condição de comandante de exército, com formação para alto comando, passou a trabalhar de ajudante de pedreiro, pois não havia nenhum outro trabalho onde pudesse se engajar. Diariamente voltava desse passado labor para o único da cidade e no resto do dia convivía com exilados. Não raramente fazia seus belos discursos encantando seus ouvintes e não devia ser raras as cenas deixá-los em prantos. Numa dessas reuniões conheceu o então governador de território de Guaporé Paulo Nunes Leal que ficou encantado com ele e o levou a trabalhar no projeto de construção da estrada de rodagem Porto Velho Cuiabá na função de topógrafo. Desconheço sua formação nessa área, no entanto por todo o que vi e presenciei

e pelas funções que alcançou no exílio não mais me surpreendeu ele ter conhecimentos efetivos em tantas áreas (Guerrero, 2023).

O entrevistado tem uma relação fraternal pela sua avó que ajudou em todos os momentos de sua vida, com a criação e sustento da família, após o exílio:

Com essa melhora substancial na sua condição econômica minha mãe e Lia puderam visitá-lo e, a partir dessa data constantemente minha mãe recebia reis brasileiros que muito ajudaram nos gastos que até então ficaram a cargo da valorosa *abuelita* que nos sustentou durante todos esses meses que ficou deportado e exilado, pois seus vencimentos como militar tinham sido suspensos. Com a *abuelita* a “peteca não caía”, ela conseguiu que os colégios nos dessem bolsas de estudos e os três continuamos nos mesmos colégios, os melhores da cidade e os que realmente dariam todo embasamento educacional de que vimos a desfrutar no futuro e que serviram de alicerce na construção de nossa individualidade (Guerrero, 2023).

O migrante relata mais uma tragédia vivenciada na “travessia” da migração, sendo o sofrimento constante durante todo o processo migratório:

A vida continuava a acontecer em Cochabamba, sem pai, morando com *abuelita* e minha mãe sempre na expectativa que algo viesse a acontecer e ele pudesse retornar. Mera esperança. *Abuelita* sempre falava que “*No hay mal que dure cien años y no hay cuerpo que pueda resistirlo*”, uma verdade que servia como alento aos nossos corações. O corpo de minha mãe não aguentou esse sofrimento, ainda doente e vivendo mais essa forçada separação numa constante aflição e sem muitas esperanças tanto para sua cura como a do retorno de meu pai, ela acabou nos deixando numa tarde ensolarada do mês de março. A partir daí tudo muda e os três tomariam rumos diferentes. Meu pai que somente chegou depois do sepultamento articulou junto com *abuelita* os passos seguintes, entre as decisões que tomaram estava a de eu permanecer em Cochabamba até o final do meu curso secundário, Lia e Anita iriam morar com meu pai em Corumbá (Guerrero, 2023).

A base da imigração continua sendo o trabalho, sendo este provisório, improvisado e informal, muitas vezes, e são poucos os que superam esse rótulo, construindo carreira e formação.

O processo de inserção deles na cidade ainda é complicada com a questão dos indocumentados, que enfrentam várias dificuldades na fronteira, com a negação de direitos e acesso a políticas públicas por não ter o documento de fronteiriço e o CPF.

Said (2001) explica que os exilados carregam a marca de se sentirem diferentes, mesmo que obtenha êxito, colocando-se em situação de orfandade. Em Sayad (1998) também compreendemos a questão da ausência, assim:

A trajetória do migrante passa por complexas tramas e conflitos, especialmente na cidade de que o recebe. Antes de nascer para a imigração e ser estigmatizado com a questão de ser estrangeiro fora de seu país” ou um imigrante trabalhador, e, mais recente, imigran-

te estudante, há uma cultura presente, um idioma, costumes e tradições desse ator que vive na fronteira (Sayad, 1998, p. 36).

No trajeto da migração para um território desconhecido existem desafios que eles encontram quando chegam, assim, a importância das redes sociais para inserção do imigrante é importante.

Trajatória migratória de *Mamani* (1990): “na fronteira sempre terá gente ganhando ou perdendo”

Mamani, 55 anos, boliviana, nascida em La Paz, imigrante fronteiriça com duas residências, uma em Puerto Quijarro, Bolívia e a outra em Corumbá, Brasil. Veio para o Brasil na década de 90, com a sua família, pois a vida na Bolívia estava difícil e resolveu migrar para arrumar um trabalho e sustento de sua família. Trabalhou durante 6 anos na antiga “feirinha”, como era conhecida a feira BrasBol (abreviação de Brasil - Bolívia). A feira existia há 18 anos, era uma espécie de “camelódromo” onde se comercializam produtos “*made in China*”. Através de decisões políticas e calcados na questão do legal e do ilegal, veio a fechar em 2013. Após o encerramento das atividades na feirinha, Mamani teve que se reconstruir em sua trajetória e se re-territorializar para sobreviver junto a sua família.

A experiência migratória de Mamani foi pela necessidade de uso da fronteira como recurso social. Conforme evidencia a entrevistada, os imigrantes bolivianos vêm para Corumbá em busca de viver melhor e sair da pobreza: “*nosotros vivíamos en la pobreza en Bolívia, acá la vida mejoró con el trabajo y hoy tenemos casa*” (Mamani, 2023). Percebemos que a trajetória da imigrante que narra a sua história era de uma vida miserável e que através de muito trabalho, adquiriu bens e imóveis. Na fronteira muitos imigrantes internacionais se sustentam no trabalho informal de comércio de produtos “*made in China*”.

Pelas transitoriedades que ocorrem na fronteira, como a mudança de territorialidades para novos espaços, ocorre o descentramento de sujeitos com a construção de lojas em espaços improvisados no bairro Nova Corumbá, região periférica da cidade de Corumbá. As novas territorialidades formam-se na fronteira sujeitos periféricos a mercê de novas territorializações, desde o fechamento da feira BrasBol em 2012, os bolivianos desterritorializados se re-territorializaram suas vidas e seus comércios.

As fronteiras são lugares da contradição, ao mesmo tempo periféricos aos estados-nação, marcados por relações geopolíticas definidas a partir de outras escalas e plenos de alternativas políticas e econômicas oferecidas pelo trânsito fronteiriço (Dorfman, 2013).

Concordamos com a autora, pois o território fronteiro é periférico a depender de quem dele usar, a partir de seus interesses e possibilidades. Assim, com imigrantes a margem do território, as territorialidades são definidas, tendo o diferencial fronteiro (diferentes moedas e legislações), que permite um espaço de negociação entre atores sociais.

Conforme Costa (2013, p. 34), neste sentido entendemos que a gestão das regras, como ferramentas de poder, está inserida em um campo de disputa pela sua aplicação, seja nos mercados de rua, seja entre agentes do Estado. Há, portanto, uma gestão diferencial desses ilegalismos, que Foucault (1979, p. 199) nos ajuda a entender como a lei e a penalidade configuram uma “maneira de gerir as ilegalidades, de riscar limites de tolerância, de dar terreno a alguns, de fazer pressão sobre outros, de excluir uma parte, de tornar útil outra, de neutralizar estes, de tirar proveito daqueles”.

Na fronteira, considerando Costa (2013, p. 177) em que os atores sociais ora toleram transgressões a lei, ora agem coercitivamente, definindo ainda quem pode e quem não pode infringir a norma legal, o que abre espaço para o manejo da lei, assim como de sua transgressão de acordo com os interesses e possibilidades dos atores sociais.

O conflito entre comerciantes bolivianos e autoridades policiais, como também os políticos que deram ordem para fechar a feirinha com o motivo de ilegalidades, ainda hoje assombra muitos imigrantes pendulares, como os lojistas e até os feirantes da feira de rua que trabalhavam e exerciam suas territorialidades. A migrante lembra que *“cuando la feria cerró, tuvimos que seguir trabajando y ganándonos la vida, casi que construimos un almacén acá [...] hacemos nuestra vida en este barrio, construimos una casa para nuestros hijos”* (Mamani, 2023).

Considerando Costa (2013, p. 178) a partir dessa situação de ambivalência, os bolivianos aprenderam a manipular a fronteira em seu favor, exercendo o que entendemos ser um “contra-poder”, já que ao longo do tempo, esses atores sociais passaram a dominar o comércio informal em Corumbá, a partir do controle das estratégias de passagem de mercadorias, considerando a “porosidade” da fronteira. Empregamos o termo “poroso” no sentido de passagem em ambas as direções, mesmo em momentos em que barreiras são estabelecidas pela comunidade ou pelo governo do lado boliviano. Assim, quando existe “o fechamento da fronteira”, há passagens possíveis no contínuo legalidade/ilegalidade: diversos caminhos, trilhas e matas que permitem o acesso ao país vizinho.

No bairro Nova Corumbá, **conforme a imagem a seguir**, encontramos o espaço reconstruído com lojas improvisadas em garagens ou galpões de comer-

ciantes bolivianos em que reterritorializaram as suas vidas, construindo casas e exercendo trabalho, após o fechamento da feirinha, lá encontramos variedades de roupas, calçados, brinquedos, eletrônicos entre outros, proveniente de Santa Cruz, Bolívia e ou na cidade de Goiana, no Brasil.

Figura 1 -Lojas de imigrantes bolivianos no bairro Nova Corumbá



Fonte: pesquisa de campo agosto de 2023.

O fato justificável para comprovar os deslocamentos do imigrante pendular internacional em território fronteiriço é a função do trabalho. As estratégias dos imigrantes estão relacionadas às funcionalidades presentes no espaço, especialmente as funções administrativas que na fronteira operam.

Alguns estudos apontam que as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes pendulares estão relacionadas à questão documental para exercer atividade remunerada no Brasil, envolvendo direitos sociais e previdenciários, especialmente os imigrantes pendulares bolivianos.

Mamani, sendo lojista, tem o MEI, (Microempreendedor Individual) adquirindo assim os direitos previdenciários e assistenciais por ser documentada, tem o CPF e o documento fronteiriço chamado atualmente de Carteira de Registro Nacional Migratório (CRNM), permitindo o acesso à programas do governo e, como ela também tem residência na Bolívia, a sua família recebe benefícios do governo boliviano. Mamani usa o território de acordo com as suas necessidades, pois o arranjo fronteiriço permite essas estratégias de uso do recurso social nas transterritorialidades, no entanto, ela explica que já passou por algumas situações de negação de direitos, pela condição de ser boliviana e morar na fronteira, por parte de policiais federais, como afirma:

Yo vou en Bolívia todo dia, las crianças estudia lá, y vou dormir lá nos finais de semana. Una reclamacion que faço é que o boliviano tira a permanência, la carteirinha⁴ de fronteiriço, yo tirei a carteirinha com dificuldade, porque eles não acreditam que você mora aqui. Yo mostro o endereço do meu comércio, fatura da água e luz, eles exigem e ainda assim querem comprovar a residência, parece que acha que somos mentirosos (Mamani, 2023).

O aspecto importante para os pendulares bolivianos é o trato com as autoridades, especialmente os agentes autorizados no controle e vigilância. Como se trata de pessoas que transitam cotidianamente para trabalhar, principalmente em pequenas lojas concentradas em pontos da cidade, há dificuldades no trajeto por esses imigrantes que enfrentam problemas com a fiscalização e costuma causar apreensões, pois além do próprio fluxo de imigrantes pendulares, há também o fluxo de mercadorias e equipamentos de trabalho para instalação de barracas nas feiras livre em Corumbá, por exemplo.

Bourdieu (1989, p.227) ensina que existe uma ocultação de conflitos sociais por trás das decisões baseados em hierarquias nacionais e étnicas na fronteira, que questiona a legalidade dos comerciantes informais no território, impondo uma

⁴ Um fato observável nessa entrevista é que a migrante que já mora há muito tempo na fronteira, acaba por falar oportunhol que é uma mistura entre o português e o espanhol da Bolívia ou o castelhano.

sujeição a sua norma e conscientemente eles reconhecem, através da “neutralização das coisas em jogo”. Assim, Bourdieu explica que:

O espaço judicial *funciona* como um lugar neutro, “que opera uma verdadeira *neutralização* das coisas em jogo por meio da ‘des-realização’ e da distanciação implicadas na transformação da defrontação direta dos interessados em diálogo entre mediadores (Bourdieu, 1989, p. 227-228).

Na fronteira essa funcionalidade judicial parte dos mecanismos de atuação do poder, através das grandes operações policiais e, por trás, há ações de um preconceito velado em relação aos bolivianos, que ainda são considerados indesejáveis na cidade de Corumbá.

Trajatória migratória de Carmen (2012): “aqui vamos ficando”

Carmen, 55 anos, nasceu em La Paz, mora na fronteira há 10 anos, tem dois filhos, sendo um atípico, com autismo. Este estuda na Escola Municipal CAIC Padre Ernesto Sassida em Corumbá. A tipologia migratória de Carmen é imigrante pendular internacional e sua transterritorialidade é motivada pela venda de alho e algumas quinquilharias que ela traz de Santa Cruz, Bolívia, e os vende no centro da cidade de Corumbá. Carmen transita cotidianamente entre os territórios, pega o ônibus na entrada da Puerto Quijaro e chega até o centro de Corumbá, lá ela fica parada com o seu carrinho de mercadorias e alhos em frente a uma loja de franquia.

Quando foi perguntado sobre as dificuldades de viver na fronteira, a migrante considerou:

Yo fui feirante, abandoné por culpa de la policía federale, me arrestaron todo y me quedé sin nada. Aún no ha habido una parada aquí, pero sé que esto es contrabando. Os brasileiros são buenos, não são maus conmigo. Yo no tengo documento, CPF quiero hacer. No tengo tiempo para hacerlo y tampoco tengo información de cómo hacerlo. No contribuo pra la previdência, quiero ayudar a mi hijo especial, no se d'onde tener información e ainda no consigo salir de la frontera e morar acá. A veces no puedo mantener a mi hijo, encontrar algo para comer, tengo que comprar água, porque el água en Bolivia es tóxica y no se puede beber directamente de la torneira (Carmen, 2023).

Carmen utilize a fronteira como recurso de vida e sobrevivência, apesar das dificuldades e desafios, ela considera um lugar bom para se viver com a sua família. No entanto, ela é um dos sujeitos considerados indocumentados, pois, por falta de informação faz com que ela viva em uma espécie de limbo documental e de ausência de direitos.

Um estudo feito por Barreto (2022), considerou a falta de informação em acessar a Previdência Social pelos trabalhadores migrantes, especialmente os feirantes bolivianos. Os dados mostram a fragilidade no processo de comunica-

ção por parte dos Estados Nacionais quanto à importância da previdência para o trabalhador migrante.

Conforme Barreto (2022), nesse cenário que deveria se iniciar o desenvolvimento de ferramentas as quais são formuladas de modo a incorporar a participação social na elaboração e no acompanhamento da execução das políticas públicas para garantir a informação necessária aos trabalhadores migrante. Entretanto, o acesso à informação não chega e eles.

A entrevistada ficou surpresa quando foi informada que se ela fosse um segurado obrigatório na condição de contribuinte individual, ela poderia se aposentar por idade ou por tempo de contribuição, por exemplo, e que seu filho poderia receber o Benefício de Prestação Continuada (BPC-LOAS), e receber um salário mínimo por mês por estar no transtorno do espectro autista.

Trajectoria de Silva (2018): “a gente que tem se adaptar com a realidade daqui, porque não somos daqui”

Silva, 23 anos, nascida em São Paulo, estudante de medicina na Bolívia, em Puerto Quijarro, desde a tenra idade com o sonho de se tornar médica e viu a oportunidade que o território fronteiriço oferece. Ela reside em uma quitinete localizada no bairro Dom Bosco em Corumbá-MS, sendo o bairro distante aproximadamente 4 km de Puerto Quijarro. As dificuldades enfrentadas na transterritorialidade é o deslocamento no ônibus que às vezes atrasa ou quando ocorre o bloqueio da rua em Puerto Quijarro, por algum motivo. Outro desafio foi a questão do idioma, a migrante afirma:

Eu tive muita dificuldade com o espanhol, não era familiarizada com a língua, para realizar as leituras dos livros de medicina, foi penoso para mim, porém, com a prática e convivência com os professores bolivianos e alguns colegas bolivianos eu fui aprendendo. Sendo de outro estado tive que me adaptar com a região daqui e com o idioma (Silva, 2023).

O segundo maior contingente de movimento migratório é formado por brasileiros que realizam o trânsito cotidianamente para estudar medicina na Bolívia, caracterizando a mais nova forma de imigração, aquela do imigrante estudante. “Tá todo mundo indo”, fala usual de muitos corumbaenses, explica o trânsito de brasileiros para estudar medicina na Bolívia, nas universidades particulares, pois os preços são baixos e não há vestibular para o ingresso. Tais facilidades de acesso ao ensino para formação no curso de medicina atraem pessoas do mundo inteiro, impulsionados pelo sonho de se tornar médico(a).

Os estudantes brasileiros na Bolívia também utilizam os serviços de saúde, tem acesso a transportes, alimentação, cultura e lazer. É um direito que eles possuem, assim como os bolivianos que utilizam a saúde, educação e assistência no Brasil.

Um fato que foi observado na entrevista é que a migrante estudante não se reconhece como parte do lugar fronteiriço onde vive. Santos (2005) nos ensina que:

O território, hoje, pode ser formado de lugares contíguos e de lugares em rede: São, todavia, os mesmos lugares que formam redes e que formam o espaço banal. São os mesmos lugares, os mesmos pontos, mas contendo simultaneamente funcionalidades diferentes, quiçá divergentes ou opostas (Santos, 2005, p. 88).

Assim, considerando a escala local (do lugar), a migrante não pertence ao espaço, porém, não resiste a ele, tenta se adaptar à realidade posta e a possibilidade de um acontecer solidário, malgrado todas as formas de diferença, entre pessoas e entre lugares.

Considerações

Conclui-se que, nesse contexto fronteiriço, a trajetória migratória para o grupo de imigrantes que emigraram é motivada especialmente pela busca de trabalho no sentido de se ter estabilidade e segurança em outro território. As mobilidades diárias entre os territórios de trânsito caracterizam-se movimentos migratórios. Desse modo, é possível afirmar que as formas de como se repetem no espaço foram construídos a partir das necessidades desses sujeitos, motivados especialmente pelo trabalho e por outros recursos sociais que o território oferece.

Identificamos que a intensa mobilidade que caracteriza a migração boliviana na fronteira se apoia no surgimento e fortalecimento de redes de solidariedade como novas estratégias de luta na trajetória da imigração sendo através de vínculos, amizades e relacionamentos familiares se constituem em redes de apoio capazes de proporcionar novas mobilidades.

Os imigrantes pendulares conhecem bem sobre a arte de sobreviver na fronteira, entre territorializações, desterritorializações e re-territorializações construíram a vida na fronteira e suas trajetórias estão na memória de quem precisou emigrar para sobreviver e escolheu a fronteira como o lugar de destino.

Observamos que, além do limite que definem os territórios pelos dois Estados, tem-se a construção de territórios nas relações estabelecidas entre o ir e vir que constituem as transterritorialidades e fragmentam e ou descentralizam os sujeitos em identidades, transformando-os em duas maneiras de ser, de estar ou de pertencer.

As mobilidades motivadas pelo trabalho ou pelas necessidades educacionais e saúde caracterizam a fronteira como lugar de movimento e que, apesar dos aspectos que se baseiam o binômio legalidade-ilegalidade da atividade informal de migrantes bolivianos, não impedem que as transterritorialidades ocorram e que viabilizam o acesso à recursos sociais e o acesso a essas demandas sociais qualificam a fronteira como lugar de movimento, do encontro e do desencontro, da fronteira viva, que se move a partir das necessidades.

Referências

- BARRETO, Luana de Arruda. **A Proteção Previdenciária no Brasil aos(às) bolivianos(as) que trabalham nas feiras livres de Corumbá-MS**. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2022.
- BOURDIEU, Pierre. 1989. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- COSTA, Gustavo Villela Lima da. Os Bolivianos em Corumbá-MS: Conflitos e relações de poder na fronteira. **Mana**, v. 21, n 1, p. 35-63, 2015
- DORFMAN, Adriana. A condição fronteiriça diante da securitização das fronteiras do Brasil. In: NASCIMENTO, D. M.; PORTO, J. L. R. (Orgs.). **Fronteiras em perspectiva comparada e temas de defesa da Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- SAID, Edward W. Reflexões sobre o exílio e outros ensaios. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- HAESBAERT, Rogério. Des-controle dos territórios e -das fronteiras- num mundo globalizado. **Revista Geografia em Questão**, v. 1, n. 2, p. 59-69, 2019.
- MONDARDO, Marcos Leandro. **Os Períodos das Migrações: territórios e identidades em Francisco Beltrão-PR**. 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2009.
- MONDARDO, Marcos Leandro. **Territórios de trânsito: dos conflitos Guarani e Kaiowá, paraguaios e “gaúchos” à produção de multi/transterritorialidades na fronteira**. Rio de Janeiro: Consequência, 2018.
- OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado; LOIO, Joanna Amorim de Melo. Migração internacional pendular em fronteira: em busca de qualificações espaciais. **Revista Videre**, v. 11, n. 21, p. 54-67, 2019
- SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.